



XVI COLOQUIO INTERNACIONAL DE
GESTIÓN UNIVERSITARIA – CIGU

Gestión de la Investigación y Compromiso Social de la Universidad

Arequipa – Perú
23, 24 y 25 de noviembre de 2016

ISBN: 978-85-68618-02-8

**VISITAS GUIADAS NOS PREDIOS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
– UFPEL: UMA AÇÃO DE EDUCAÇÃO PATRIMONIAL**

DALILA ROSA HALLAL

Universidade Federal de Pelotas

dalilahallal@gmail.com

DALILA MULLER

Universidade Federal de Pelotas

dalilam2011@gmail.com

PRISCILLA TEIXEIRA DA SILVA

Universidade Federal de Pelotas

priscilla.cet@gmail.com

SARAH MARRONI MINASI

Universidade Federal de Pelotas

saraminasi@gmail.com

MAIBI DA SILVA MACEDO

Universidade Federal de Pelotas

maibimacedo@hotmail.com

Resumo

Este artigo tem como objetivo analisar uma ação do projeto “Turismo e Educação Patrimonial” desenvolvido pelo Curso de Bacharelado em Turismo da UFPel, qual seja, a Visita Guiada pelos prédios da UFPel, atividade criada em 2009. Trata-se de uma visita guiada por discentes do curso de Bacharelado em Turismo, com a pretensão de criar um ambiente em que o conhecimento se misture com a emoção, reforçando o sentimento de pertencimento da comunidade em relação ao patrimônio. Na perspectiva do trabalho a Educação Patrimonial deve considerar que a preservação dos bens culturais deve ser compreendida como prática social, inserida nos contextos culturais, nos espaços da vida das pessoas. A visita guiada vem se configurando como uma prática de escuta e observação que permitam acolher e integrar as singularidades, identidades e diversidades locais.

Palavras-Chave: Visita Guiada. Educação Patrimonial. Patrimônio. Memória. UFPel.

1. Introdução

Pensar a universidade a partir de seus objetivos básicos de formação profissional, geração de novos conhecimentos e disseminação desses conhecimentos é um processo complexo face à natureza e diversidade do trabalho acadêmico. Inserida neste contexto esta a extensão universitária, que apresenta uma diversidade conceitual e prática que interfere expressivamente no “pensar” e no “fazer” no interior da Universidade.

O conceito de extensão universitária ao longo da história das universidades brasileiras, principalmente das públicas, passou por várias matizes e diretrizes conceituais. Da extensão cursos, à extensão serviço, à extensão assistencial, à extensão “redentora da função social da Universidade”, à extensão como mão dupla entre universidade e sociedade, à extensão cidadã, podemos identificar uma resignificação da extensão nas relações internas com os outros fazeres acadêmicos, e na sua relação com a comunidade em que esta inserida.

A Extensão Universitária é o processo educativo, cultural e científico que articula o Ensino e a Pesquisa de forma indissociável e viabiliza a relação transformadora entre universidade e sociedade. A Extensão é uma via de mão dupla, com trânsito assegurado à comunidade acadêmica, que encontrará, na sociedade, a oportunidade de elaboração da práxis de um conhecimento acadêmico. No retorno à Universidade, docentes e discentes trarão um aprendizado que, submetido à reflexão teórica, será acrescido àquele conhecimento. Esse fluxo, que estabelece a troca de saberes sistematizados, acadêmico e popular, terá como consequência: a produção do conhecimento resultante do confronto com a realidade brasileira e regional; a democratização do conhecimento acadêmico e a participação efetiva da comunidade na atuação da Universidade. Além de instrumentalizadora desse processo dialético de teoria/prática, a Extensão é um trabalho interdisciplinar que favorece a visão integrada do social. (PLANO NACIONAL DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA, 2016, s/p.)

Nesse contexto, o Curso de Bacharelado em Turismo da Universidade Federal de Pelotas – UFPel vem assumindo a posição de um curso voltado para os interesses e as necessidades da maioria da população, alicerçadas nas prioridades do local, da região, do país.

Uma vez que a preservação do patrimônio somente é possível por intermédio da disseminação do conhecimento crítico, é necessário ter em vista que a grande diversidade presente no campo patrimonial apenas será conservada quando a sociedade se apropriar conscientemente de sua herança histórica e cultural, construindo um elo de ligação destinado a fortalecer seus sentimentos de identidade e cidadania (HORTA et al., 1999).

No sentido de contribuir nesse processo, o Curso de Turismo da UFPel tem desenvolvido várias ações de extensão, dentre elas, a proposta da visita guiada pelos prédios da Universidade entendida enquanto um processo constante de ensino e aprendizagem que tem como foco o patrimônio. Assim, essa ação visa fundamentalmente à difusão, à valorização e à preservação do patrimônio cultural da Universidade.

Este artigo tem como objetivo analisar uma ação do projeto “Turismo e Educação Patrimonial” desenvolvido pelo Curso de Bacharelado em Turismo da UFPel, qual seja, a visita guiada pelos prédios da UFPel, atividade criada em 2009. Este projeto tem como objetivo incentivar e fomentar discussões, propondo a reflexão sobre a temática do Patrimônio e do Turismo através da educação patrimonial, abrangendo tanto as questões culturais quanto ambientais e promovendo o exercício da cidadania em suas mais diversas formas.

Assim, essa ação é percebida como uma forma de preservação da história e do patrimônio da cidade, inserindo-a como uma ferramenta de motivação, consciência e conhecimento, podendo, dessa maneira, estimular a identidade entre a sociedade e a comunidade. Nesse sentido, a visita guiada como uma ferramenta de educação patrimonial também é uma ação que busca a afirmação da cidadania. Objetiva envolver a comunidade na

gestão do patrimônio, pelo qual ela também é responsável, levando-a a se apropriar e a usufruir dos bens e valores que o constituem.

2. A Visita Guiada nos prédios da UFPel: uma ação de Educação Patrimonial

O desenvolvimento de estratégias e de dinâmicas de ensino-aprendizagem em torno do Patrimônio Cultural e os valores que são inerentes a essa relação podem ser, na contemporaneidade, um dos pontos mais significativos e eficazes para garantir a valorização, preservação e difusão dos bens culturais e das memórias interligadas a eles. (PINHEIRO, 2015)

Com esta finalidade, o favorecimento e o desfrute dos valores históricos, artísticos, etnográficos, científicos e técnicos dos bens levam administrações e instituições públicas, as Universidades e a sociedade civil a desenvolver programas e ações. São esses projetos, tentativas de fortalecer as relações que as comunidades têm com as identidades e histórias de seu lugar e com as expressões culturais que se manifestam no cotidiano dos diversos grupos sociais.

O caminho e, ao mesmo tempo, o maior desafio, é desenvolver atividades que se voltem para uma educação do patrimônio, para o patrimônio.

Pensar em educação para o patrimônio cultural requer, também, pensar em qual perspectiva de educação deve pautar as ações. Educação aqui é pensada como processo. Dessa forma, educação significa reflexão constante e ação transformadora dos sujeitos no mundo e não uma educação somente reprodutora de informações, como via de mão única e que identifique os educandos como consumidores de informações, cujo modelo Paulo Freire chamou de “educação bancária”.

A educação que se vislumbra é aquela que se caracteriza como mediação para a construção coletiva do conhecimento, a que identifica a comunidade como produtora de saberes, que reconhece, portanto, a existência de um saber local. Enfim, a que reconhece que os bens culturais estão inseridos em contextos de significados próprios associados à memória do local. (FLORENCIO, 2015)

A educação, portanto, deve ser percebida como aquela que ocorre nos espaços da vida e deve ser pensada na perspectiva da chamada Educação Integral, ampliando tempos, espaços e oportunidades educativas. Trata-se da aproximação de práticas escolares e outras práticas sociais e culturais aos espaços urbanos e rurais tratados como territórios educativos (MOLL, 2009). É a valorização de processos educativos que imbricam os saberes escolares aos saberes que circulam nas praças, nos parques, nos museus, nos teatros, nos encontros e manifestações culturais de um modo geral.

Para Jaqueline Moll,

[...] a cidade precisa ser compreendida como território vivo, permanentemente concebido, reconhecido e produzido pelos sujeitos que a habitam. É preciso associar a escola ao conceito de cidade educadora, pois a cidade, no seu conjunto, oferecerá intencionalmente às novas gerações experiências contínuas e significativas em todas as esferas e temas da vida (MOLL, 2009, p.15).

A Educação Integral considera como “territórios educadores”, o bairro, a cidade, a roça, o quilombo, o assentamento rural, a aldeia, ou seja, o lugar da vida comunitária, ou ainda: Todo espaço que possibilite e estimule, positivamente, o desenvolvimento e as experiências do viver, do conviver, do pensar e do agir conseqüente, é um espaço educativo.

O conhecimento encontra-se latente no espaço da cidade. Entretanto, ele não se efetiva sem ser explorado, necessitando de ações para a aprendizagem. Como diz Faria:

Qualquer espaço pode se tornar um espaço educativo, desde que um grupo de pessoas dele se aproprie, dando-lhe este caráter positivo, tirando-lhe o caráter

negativo da passividade e transformando-o num instrumento ativo e dinâmico da ação de seus participantes (2010, p. 29).

Isso significa repensar a Educação Patrimonial recusando a postura que a identifica como mera transmissão de informações e conteúdos. A educação não pode ser vista como produto ou como sinônimo de divulgação de informações, mas como um processo em que se busca criar uma nova relação entre os moradores e o seu patrimônio. Considerar que a Educação Patrimonial se circunscreve a “ensinar a população” reflete uma visão autoritária de educação, aquela que desconsidera os saberes locais e as relações estabelecidas, na passagem do tempo, entre os moradores do lugar e os patrimônios. Essa visão valoriza unicamente os conhecimentos técnicos científicos sobre os bens, mas ignora os significados e sentidos sociais atribuídos pelos moradores ao patrimônio, bem como menospreza a possibilidade de diálogo e de aprender com o outro.

A Educação Patrimonial consiste em provocar situações de aprendizado sobre o processo cultural e ambiental e, a partir de suas manifestações, despertar no participante o interesse em resolver questões significativas para sua própria vida pessoal e coletiva. Baseia-se no esforço em auxiliar a comunidade local na elaboração do conhecimento histórico, cultural e ambiental, na investigação da realidade, refletindo a respeito de sua ligação com um passado mais distante, buscando compreender a historicidade das representações culturais, ou seja, um ensino voltado para sujeitos históricos deve propiciar um conhecimento mais amplo da realidade em que vivem.

Entender ações educativas para o patrimônio não está em “capacitar” para a preservação, com valores impostos por conceitos jurídicos, acadêmicos ou políticos, mas na afirmação contínua de que as pessoas são protagonistas no processo, sendo os seus valores e conhecimentos produzidos reconhecidos. (PINHEIRO, 2015)

Desta forma, a Educação Patrimonial em suas formas de mediação, possibilita a interpretação dos bens culturais e naturais, tornando-se um instrumento importante de promoção e vivência da cidadania. Consequentemente, gera a responsabilidade na busca, na valorização e preservação do patrimônio (HORTA, 2005).

Horta (2005, p.2) considera que “o conhecimento crítico e a apropriação consciente por parte das comunidades e indivíduos do seu ‘patrimônio’ são fatores indispensáveis no processo de preservação sustentável desses bens, assim como no fortalecimento dos sentimentos de identidade e cidadania”.

A metodologia específica da educação para o patrimônio pode ser aplicada a qualquer indício material ou de manifestação da cultura, sejam monumentos, sítios arqueológicos, paisagens naturais, atos folclóricos, produções industriais e artesanais, saberes populares ou qualquer outra expressão entre o homem e o seu meio (GARAEIS, apud HORTA, 2005, p. 30). Além disso, esses processos podem ser promovidos por instituições educacionais, culturais ou mesmo grupos organizados da sociedade civil. Todas essas possibilidades acabam por ressaltar o quanto esse trabalho pode ser democrático, participativo e voltado para atender a interesses sócios culturais.

Com base nesses preceitos, o Curso de Turismo da UFPel tem desenvolvido ações de extensão no sentido de contribuir nesse processo de educação patrimonial no município de Pelotas. Dentre elas, a proposta da visita guiada pelos prédios da Universidade entendida enquanto um processo constante de ensino e aprendizagem que tem como foco o patrimônio. Assim, essa ação visa fundamentalmente à difusão, à valorização e à preservação do patrimônio cultural da Universidade.

Como afirma Rangel (2002, p. 16), trata-se de promover, a partir do meio, sobre o meio e para o meio, a percepção da importância de preservar nosso patrimônio cultural, buscando a apropriação dos bens culturais por parte da sociedade brasileira, co-gestora,

fruidora e principal destinatária desses bens, e a sua participação direta e efetiva nas ações de proteção de nossos bens culturais.

A visita guiada pelos prédios da UFPel consiste em um itinerário percorrido no ônibus da Universidade, pelos campi e pelas unidades isoladas. Atualmente a UFPel conta com quatro campi: Campus Capão do Leão, Campus da Saúde, Campus das Ciências Sociais e o Campus Anglo, onde está instalada a Reitoria e demais unidades administrativas. Fazem parte também da estrutura atual da UFPel diversas unidades dispersas. Dentre elas, estão a Faculdade de Odontologia, a Faculdade de Direito, o Serviço de Assistência Judiciária, o Conservatório de Música, o Centro de Artes (CA), o Centro de Desenvolvimento Tecnológico (CDTEc), o Centro das Engenharias (CEng), a Escola Superior de Educação Física (ESEF), o Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo (MALG), o Museu de Ciências Naturais Carlos Ritter e a Agência para o Desenvolvimento da Lagoa Mirim (ALM).

O público que vem participando dessa atividade é variado, são alunos ingressantes da UFPel; ex alunos da Universidade; docentes de outras instituições; participantes de congressos ou eventos na instituição; alunos do ensino fundamental; comunidade em geral, entre outros.

Essa prática é realizada mediante uma visita guiada nos prédios da universidade, selecionando aqueles que tem um importante papel no que se refere à identidade e memória da cidade. Desse modo, o que se propõe é a visita guiada pelos prédios como uma ação de educação patrimonial a partir do entendimento dessa história.

A visita guiada não possui um itinerário fixo, o mesmo é adaptado dependendo do público alvo, do interesse do grupo, do objetivo da visita, da disponibilidade de tempo dos participantes. Nos espaços selecionados realiza-se a visita interna nos prédios.

Enquanto percorremos o itinerário na Universidade vamos conversando e trocando experiências com as pessoas que estão nesses espaços, de modo a aproximar o ideal de pertencimento próprio de cada um para com os patrimônios locais. Muitos participantes, apesar de residirem na cidade, nunca haviam entrado nos prédios, e puderam ver a sua cidade com um novo olhar.

O itinerário sempre tem início no Campus Porto/Anglo onde é feita uma introdução sobre a formação/origem desse espaço, bem como sua importância para o desenvolvimento econômico e social da cidade. Em seguida visita-se a parte interna do Anglo e durante essa visita aborda-se a história do prédio e seus usos ao longo do tempo, destacando suas funções atuais. Explica-se que neste prédio localiza-se a Reitoria da Universidade, destacando a sua função como gestora de toda a instituição, os cursos que funcionam neste prédio, sempre dialogando com os participantes. Também nos dirigimos até o “Memórias Anglo” que tem como missão informar a natureza do prédio onde se encontra e apresentar resultados de pesquisa sobre o trabalho neste antigo frigorífico. Cumpre o papel de um suporte de memória e objetiva instituir valor ao patrimônio industrial que a Universidade Federal de Pelotas possui, afirmando o compromisso que a Instituição tem com sua guarda e preservação.

Uma das visitas guiadas mais interessantes e que demonstra a concepção de educação patrimonial a qual nos propomos a trabalhar foi a realizada com moradores antigos da área da Balsa, local onde localiza-se o Campus Porto/Anglo.

No bairro da Balsa, localizava-se o Frigorífico Anglo, atual Campus Porto da UFPel. Entre os anos de 1860 e 1890, Pelotas está em pleno apogeu de desenvolvimento econômico, social e cultural (MAGALHÃES, 1993). Esse desenvolvimento era garantido pela produção do charque. Produto que também viabilizou o surgimento de estâncias para criação de gado, ampliando a comercialização desse produto, o qual incentivou a instalação de frigoríficos, tornando-se um pólo referente para produção de carne (VIEIRA, 1997, p. 119 e 126). A carne como produto principal da economia local, trouxe muitos investimentos estrangeiros, principalmente, o grupo inglês Vestey Brothers (Anglo SA a partir de 1924). O referido grupo

adquiriu o terreno do Anglo que pertencia ao antigo Frigorífico Riograndense, construído em 1917 com investimentos do Banco Pelotense, construindo à beira do canal São Gonçalo um grande complexo industrial que foi inaugurado no mês de dezembro de 1943, nas terras da Charqueada Moreira e teve suas atividades encerradas no final da década de 80 e início dos anos 90 do século XX, transferindo seus equipamentos para São Paulo. (KARPINSKI e ADOMILLI, 2012)

O Bairro da Balsa foi, efetivamente, ocupado durante as décadas de 1950-60, sendo que quase a totalidade de seus moradores trabalhavam, ou vieram para trabalhar no Frigorífico Anglo. A iniciativa de ocupação desse espaço pelos trabalhadores deu-se pela necessidade de eles residirem próximo ao local de trabalho, razão pela qual eles transformaram a maior parte de um banhado em espaço de moradia. (JANKE, 2011)

Um grande número de trabalhadores do Frigorífico eram moradores do Bairro da Balsa. Muitos deles eram naturais de Pelotas e iam morar no Bairro da Balsa para ficarem mais próximo ao local de trabalho; porém a grande maioria era de outras regiões, tendo se mudado para a cidade com a perspectiva de um emprego mais estável no Frigorífico. (JANKE, 2011)

O Anglo, uma área de 12 hectares, foi adquirido pela Fundação Simon Bolívar (FSB), uma instituição de apoio vinculada à Universidade Federal de Pelotas e atualmente está instalado o Campus da Universidade Federal de Pelotas.

No andamento da visita guiada, a comunidade da Balsa narrava acontecimentos, fatos, vivências e o cotidiano no Anglo, pessoas davam gargalhadas, brincam, lembram, conversam, interagem, perguntam, se sentem a vontade para sonhar, para participar da vida acadêmica, participar da Universidade e da constituição do patrimônio. Nesse processo a Universidade torna-se um espaço privilegiado para o educar patrimonial, onde a comunidade identifica novas possibilidades de significação, em busca da experimentação de espaços que compõem o imaginário coletivo.

“A lembrança é a sobrevivência do passado”, pois, a memória está vulnerável ao esquecimento, ao bloqueio e quando essa vence esses obstáculos, o testemunho deixa de ser algo genérico e se materializa enquanto memória daqueles que vivenciaram tal evento narrado (BOSI, 1994, p. 53-54).

Ressaltamos que a memória permite não apenas conhecer as lembranças dos moradores do bairro, mas analisa-las enquanto fonte histórica. As memórias narradas oferecem diversas possibilidades, podem reforçar os fatos já conhecidos, ou pode desconstruí os fatos oficiais, bem como, pode permitir também o conhecimento de novos detalhes, resultando em novas perspectivas sobre os acontecidos.

O patrimônio se materializa em alguns aspectos da memória coletiva resguardado, pelo legado das lembranças, buscando recordar o passado e o legitimando enquanto memória coletiva. Assim “quando se pensa em patrimônio, nunca se pode esquecer que vão ser os valores atribuídos às coisas e lugares que vão dar-lhes significado e transforma-los em patrimônio” (CASTRIOTA, 2009, p. 43).

Durante nossa ação buscamos inserir a comunidade, de forma participativa, nas discussões sobre patrimônio, estabelecendo, assim, um canal de interlocução local. O objetivo foi promover um processo participativo de escuta a respeito do que a comunidade considerava como os bens referenciais de seu patrimônio, fortalecendo e valorizando um olhar local sobre o patrimônio e não uma perspectiva imposta de fora para dentro. O Curso de Turismo fez um convite aos moradores da Balsa para irem até o campus Anglo. A realização da visita ao Campus contou com um amplo envolvimento dos moradores na sua organização e divulgação. Muitos participantes contribuíram com relatos, levaram fotografias, documentos pessoais, entre outros. Muito mais do que indicar o que consideram patrimônio, estes moradores também foram parceiros fundamentais na realização das visitas técnicas aos bens, uma vez

que se constituíram como mediadores nos possibilitando a ampliação da compreensão dos sentidos sociais e históricos atribuídos ao patrimônio.

Assim, pode-se perceber que o patrimônio cultural é um tema que despertou grande atenção da comunidade, uma possibilidade de se conhecerem e se reconhecerem através desses bens e, assim, compreenderem melhor a sua história. Em uma definição ampla podemos entender que patrimônio é uma herança coletiva constituído de bens de natureza material e imaterial, e, por isso deve ser preservada para, assim, proporcionar um elo entre gerações com o objetivo de se reconhecer por meio dos seus antepassados.

A Educação Patrimonial deve considerar que a preservação dos bens culturais deve ser compreendida como prática social, inserida nos contextos culturais, nos espaços da vida das pessoas. Ela não tem que se utilizar de práticas que enaltecem e reificam coisas e objetos sem submetê-los a um universo de ressignificação dos bens culturais. Deve-se, portanto, associar o valor histórico do bem cultural ao seu lugar atual, em sua comunidade de inserção, ou seja, ao lugar social onde o bem está agora (BRANDÃO, 1996).

Durante o itinerário a preocupação pedagógica está sempre presente. No percurso visualizam-se as edificações históricas e modernas, os fatos ocorridos no local, eventos, diferentes funções, possibilidades de educação ambiental, percepções de função do espaço público, cidadania, preservação e conservação patrimonial. Durante todas as visitas guiadas, ao observar as edificações discute-se sobre a relevância delas na época em que foram construídas e tiveram suas funções originais. Destaca-se que também são debatidas, durante as visitas, as relações sociais existentes nos séculos XIX e XX, principalmente entre elite e escravos e as funções e significados desses espaços na atualidade.

Posto isso, a visita guiada nos prédios da Universidade pode ser vista como uma ação de educação para o patrimônio, considerando que se trata de uma ação que estimula seu conhecimento, valorização e preservação. O roteiro dessa atividade pode ainda ser pensado enquanto “itinerário cultural”, conceituado como:

[...] um circuito marcado por sítios e etapas relacionados com um tema. Este tema deverá ser representativo de uma identidade regional própria, para favorecer um sentimento de pertença, de reconhecimento ancorado na memória coletiva. O conjunto organizado formado pelos sítios e etapas tem um valor emblemático e simbólico para a população local e, para o conjunto de pessoas externas, denominadas de visitantes. O tema designado pode dar-se a conhecer a volta de diferentes valores culturais: o vínculo histórico, o vínculo etnográfico, o vínculo social, uma corrente artística, uma identidade geográfica, uma identidade arquitetônica, as atividades tradicionais, as atividades artísticas, as produções artísticas. (Associação CISTE *apud* PEREIRO, 2002, p. 2).

A partir dessa definição é possível inferir que os critérios básicos para a criação de um itinerário cultural devem atender aos valores culturais, à memória histórica, ao patrimônio cultural e a pluralidade de identidades de um território. Essas ideias estão presentes no itinerário percorrido durante a visita guiada nos prédios da UFPel, que ilustra a história de desenvolvimento do município através de seu patrimônio, composto por edificações de grande valor histórico, cultural, social, acadêmico e arquitetônico.

Entendemos que o conhecimento da própria cidade – tão desconhecida, em muitos casos, pelos seus próprios habitantes – pode ser exercitado através dessa ação, que busca aproximar o público com sua herança histórica e cultural, para que eles consigam se enxergar no contexto apresentado, como indivíduo integrante desse patrimônio.

Conforme destacado por Pereiro (2002), o patrimônio não se apresenta com um valor em si mesmo, visto que é preciso envolver as pessoas para que juntas elas percebam e construam valores e significados. Sendo assim, o itinerário cultural percorrido durante a visita guiada cumpre com suas funções ao representar um instrumento fundamental de

desenvolvimento local através da educação para o patrimônio, pretendendo ainda dar sentido de identificação e valorização das práticas cotidianas da Universidade e da cidade, estimulando “um outro olhar” sobre essa questão.

Por intermédio dessa ação, é possível atribuir novos sentidos e significados aos locais apresentados, uma vez que o conhecimento é construído através das interações que ocorrem durante esse itinerário, da comunidade com seu patrimônio, dos moradores com a comunidade acadêmica, e de todos os envolvidos nesse processo. Esses espaços, muitas vezes percorridos cotidianamente, vão sendo preenchidos por valores históricos, culturais e turísticos.

A Educação Patrimonial tem um papel decisivo no processo de valorização e preservação do patrimônio cultural, colocando-se para além da divulgação do patrimônio. Não bastam a “promoção” e “difusão” de conhecimentos acumulados no campo técnico da preservação do patrimônio cultural. Trata-se, essencialmente, da possibilidade de construções de relações efetivas com as comunidades, verdadeiras detentoras do patrimônio cultural. (FLORÊNCIO, 2015)

Embora seja um desafio trabalhar com essa grande variação de participantes, são criadas interessantes e diferentes visões a respeito da Universidade, da cidade e do patrimônio durante o desenvolvimento das atividades, além da receptividade dos envolvidos ser excelente. Com essa ação, os acadêmicos do Curso de Turismo pretendem participar ativamente, em conjunto com a população local, da construção social desse patrimônio.

Para os discentes do curso de Turismo, as atividades de extensão sempre são bem vindas, aos olhos deles configura-se numa prática, e uma prática é um desafio bastante motivador. Imaginar a prática da visita guiada aliada a atividades pedagógicas pode ser um agente motivador de grande valia já que a experiência é vivenciada fora da sala de aula propiciando um aprendizado mais amplo e prazeroso.

3. Considerações Finais

As visitas guiadas pelos prédios da UFPel têm como objetivo principal provocar situações de aprendizado sobre o processo cultural e ambiental e envolver as pessoas para que juntas elas percebam e construam valores e significados desses espaços. Avalia-se a experiência das visitas como um momento/espço de produção de sentidos e significados sobre a universidade, a cidade, seu patrimônio, sua história, seu valor turístico. As visitas são uma oportunidade para sensibilizar os alunos e a população em geral sobre a importância destes espaços e de sua preservação.

Desse modo, a visita guiada promove a ênfase na mudança de percepção do espaço, a partir da valorização do local. Neste sentido, os locais visitados ganham sentidos e significados pela própria escolha de “merecerem” fazer parte de um itinerário, e de forma muito especial pelas interações de se dão durante o percurso que possibilita (re)apresenta, (re)significa, cada um dos espaços do itinerário. O espaço, algumas vezes, é o mesmo percorrido cotidianamente pelas pessoas, mas a partir das discussões realizadas durante esse percurso, vão ganhando outros significados. O olhar é direcionado a detalhes que passavam despercebidos. A paisagem vai sendo preenchida por valores históricos, culturais e turísticos.

A vivência proporcionada pela visita guiada representa uma oportunidade de troca, de aprendizado e de respeito, tanto para a comunidade local do município de Pelotas e região, quanto para os docentes e discentes da UFPel.

A proposta é criar um ambiente em que o conhecimento se misture com a emoção, reforçando o sentimento de pertencimento da comunidade em relação ao patrimônio cultural universitário. Essa aprendizagem implica em dotar, cada espaço edificado da Universidade,

do atributo original da palavra monumento: objeto que faz lembrar. Certamente tal atitude não busca fomentar a ideia de uma instituição voltada ao passado, parada no tempo. Mas sim refletir que toda arquitetura pode ser monumento, na medida em que cristaliza uma memória, encarnando um sentido a ser recuperado.

Além disso, o objetivo da ação foi estabelecer um espaço de narração e interação com o público, demonstrando que a instituição é formada também pelas memórias, pelas pessoas, pelas trajetórias dos indivíduos que a construíram, ao longo do tempo. Apresentar esses percursos, contudo, não é simplesmente narrar, mas focá-los no que auxiliam a mostrar o processo de constituição da Universidade, seus hábitos, seus saberes, as formas dos indivíduos transitarem nela. Essas reflexões são conectadas com informações sobre a arquitetura e a história dos prédios.

Ou seja, entendemos a Visita Guiada relacionada ao seu papel de fortalecer laços de identidade de determinados grupos e de sua afirmação quanto tal. Ou seja, como aponta Chuva (2008, p. 31), preservar o patrimônio se constitui na prática cultural de atribuição de valores e significados a objetos e bens que reforçam grupos de identidade.

A Visita Guiada também possibilitou a participação comunitária em reflexões relacionadas ao fazer da Universidade. Dessa forma, representa uma ferramenta de intervenção na realidade, consolidando uma prática de inclusão sociocultural relacionada ao usufruto dos bens culturais. Assim, consolidou-se a prática da visita guiada, alicerçada na apropriação de espaços que passam a representar significados e emoções. Nessa interface entre bens materializados e imateriais, há a sedimentação da importância do patrimônio para a comunidade, que é, em última instância que irá se apropriar e cuidar dele, criando laços de pertencimento.

Patrimônio é memória que não apenas transmuta um passado, mas constrói e reconstrói um presente, que se atualiza constantemente com as identidades e as interpretações universidade, da cidade, e ante as ações daqueles que vivem e convivem na sociedade.

4. Referências Bibliográficas

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças dos velhos**. São Paulo: Companhia das letras, 1994.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O difícil espelho: limites e possibilidades de uma experiência de cultura e educação**. Rio de Janeiro: Iphan, 1996.

CASTRIOTA, Leonardo Barci. O patrimônio cultural valores e sociedade civil. In: MIRANDA, Marcos Paulo de Souza; ARAÚJO, Guilherme Maciel; ASKAR, Jorge Abdo. **Mestre e Conselheiros: Manual de Atuação dos Agentes do Patrimônio Cultural**. Belo Horizonte: IEDS, 2009.

CHUVA, Márcia. O ofício do historiador: sobre ética e patrimônio cultural. In: INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. **Anais da I Oficina de Pesquisa: a pesquisa histórica no IPHAN**. Rio de Janeiro: IPHAN; Copedoc, 2008, p. 27-43.

FARIA, Ana Beatriz Goulart de. **Territórios educativos para a educação integral: a reinvenção pedagógica dos espaços e tempos da escola e da cidade**. Disponível em: <<http://educacaointegral.org.br/wp-content/uploads/2014/04/territorioseducativos.pdf>> Acesso em 25.07.2016.

FLORÊNCIO, Sônia Rampim et al. **Educação patrimonial: histórico, conceitos e processos**. 2014. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/baixaFcdAnexo.do?id=4240>> Acesso em 01 setembro de 2014.

FLORÊNCIO, Sônia Regina Rampim. Educação patrimonial: algumas diretrizes conceituais. In: PINHEIRO, Adson Rodrigo S. (org.). **Cadernos do patrimônio cultural: educação patrimonial**. – Fortaleza: Secultfor: Iphan, 2015.

FLORÊNCIO, Sônia Regina Rampim. Educação patrimonial: algumas diretrizes conceituais. In: PINHEIRO, Adson Rodrigo S. (org.). **Cadernos do patrimônio cultural: educação patrimonial**. – Fortaleza: Secultfor: Iphan, 2015.

HORTA, M. de L. P. PGM1 **O que é educação patrimonial**. Disponível em www.tvebrasil.com.br. Acessado em 08/06/2005.

JANKE, Neuza Regina. **Entre os valores do patrão e os da nação, como fica o operário?: (o frigorífico Anglo em Pelotas: 1940-1970)**. Pelotas: EGU, 2011.

KARPINSKI, Lila Fátima. ADOMILLI, Gianpaolo Knoller. **Bairro da Balsa: Conflitos Socioambientais e a Criação do Novo Campus Da Universidade Federal De Pelotas – RS**. IX Seminário ANPED SUL. Caxias do Sul, 2012. Disponível em: www.ucs.br/etc/conferencias/index.php/anpedsul/9anpedsul/paper/view/1183/844 Acesso em: 26.07.2016.

MAGALHÃES, M.O. **Opulência e Cultura na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul: um estudo sobre a história de Pelotas (1860-1890)**. Pelotas: Ed.UFPEL – co-edição Livraria Mundial, 1993.

MOLL, Jaqueline. Um paradigma contemporâneo para a educação integral. In: **Pátio: revista pedagógica**, Porto Alegre, v. 8, n. 51, ago./out. 2009.

PEREIRO, Xerardo. **Itinerários turístico-culturais: análise de uma experiência em Chaves**. Actas do III Congresso de Trás-os-Montes. Bragança, Setembro de 2002. Disponível em http://home.utad.pt/~xperez/ficheiros/publicacoes/turismo_cultural/Intinerarios_Turismo_Cultural_Urbano.pdf Acesso em: 26.07.2016.

PINHEIRO, Adson Rodrigo S. Introdução. In: PINHEIRO, Adson Rodrigo S. (org.). **Cadernos do patrimônio cultural: educação patrimonial**. – Fortaleza: Secultfor: Iphan, 2015.

PLANO NACIONAL DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA. Coleção Extensão Universitária. Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras - FORPROEX, vol. I. Disponível em: <https://www.ufmg.br/proex/renex/documentos/Colecao-Extensao-Universitaria/01-Plano-Nacional-Extensao/Plano-nacional-de-extensao-universitaria-editado.pdf>. Acesso em: 25.08.2016

VIEIRA, S.G. **A Cidade Fragmentada. O Planejamento e a Segregação Social do Espaço Urbano em Pelotas**. Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional, na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (UFRGS). Porto Alegre, 1997.